

O método instrumental na obra de Vigotski: entre avanços e obstáculos na investigação do desenvolvimento cultural da criança¹

The instrumental method in Vygotsky's work: progress and
challenges in investigating the child's cultural development

Eduardo Moura da Costa²

RESUMO

Vigotski foi um grande crítico dos psicólogos que desconsideravam a importância da cultura para o desenvolvimento infantil. Foi a partir do método instrumental que ele identificou o papel dos instrumentos culturais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores durante a ontogênese. Apresentaremos os antecedentes desse método e destacaremos que ele é o resultado de várias influências. Discorreremos sobre como ele foi utilizado para a pesquisa empírica focalizada na gênese do comportamento cultural da criança. Por fim, argumentaremos que foi o reconhecimento das limitações do método instrumental que orientaram Vigotski a desenvolver um novo programa de pesquisa, que foi apenas iniciado pelo autor nos seus últimos anos de vida.

Palavras-chave: Vigotski. Método Instrumental. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

Vygotsky was a great critic of psychologists who did not take into account the role of culture in child development. It was through the instrumental method that he identified the role of cultural instruments in the development of higher psychological functions during ontogenesis. We will present the antecedents of this method and highlight that it is the result of several influences. We will discuss how it was used for empirical research focused on the genesis of children's cultural behavior. Finally, we will argue that it was the recognition of the limitations of the instrumental method that guided Vygotsky to develop a new research program, which was only initiated by the author in his last years of life.

Keywords: Vygotsky. Instrumental Method. Child Development.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Professor Assistente Doutor do Departamento de Psicologia da Educação, Universidade Estadual Paulista, Câmpus Araraquara. Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista-UNESP, Câmpus de Assis (2020). Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá-UEM (2015). Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista- UNESP, Câmpus de Assis, Assis, São Paulo, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5417-6675>. E-mail: eduardo.moura@unesp.br.

Introdução

Na atualidade, uma das linhas de pesquisa mais profícuas a respeito do desenvolvimento humano são os estudos sobre a aprendizagem cultural. Psicólogos como Tomasello (2019a) tem realizado, nas últimas décadas, pesquisas empíricas para estudar o papel da cultura, em especial a linguagem, no desenvolvimento da cognição ao longo da ontogênese. Essas pesquisas se contrapõem a visão predominante na psicologia, considerada individualista, a qual considera que a linguagem faz parte das habilidades cognitivas, mas que não modifica diretamente outras competências cognitivas gerais (TOMASELLO, 2019b). Tomasello, Kruger e Ratner (1993) argumentam que essa perspectiva não apresenta nada de novo e que seus traços podem ser remetidos à teoria desenvolvida por Vigotski.

Sendo assim, um dos principais méritos de Vigotski se deve ao fato de ter antecipado diversas hipóteses sobre a aprendizagem cultural. Mesmo que tenha deixado sua teoria inacabada, o autor foi responsável por desenvolver uma nova área de estudos. A tese basilar da perspectiva vigotskiana, sobre o papel da cooperação para o desenvolvimento humano, foi corroborada nas últimas décadas por um grande número de evidências (MOLL; TOMASELLO, 2007). Apesar do reconhecimento das teses vigotskianas na atualidade, seu projeto de pesquisa foi continuado por vários dos seus colaboradores e por gerações posteriores de psicólogos e pedagogos. Seus achados guiaram o trabalho de psicólogos e educadores na União Soviética que buscavam orientar o ensino a partir de uma teoria consistente sobre o aprendizado humano. Elkonin, Davidov e Reptikin, por exemplo, se destacaram nessa empreitada ao desenvolverem o sistema didático que parte da concepção do ensino como sendo promotor do desenvolvimento individual, o qual vem ganhando atenção de estudiosos brasileiros nas últimas décadas (PUENTES, 2022).

Para que possamos avaliar a situação das pesquisas atuais sobre a aprendizagem cultural, com vistas a garantir que esse conhecimento se reverta em uma melhoria do ensino, torna-se fundamental reconstruir a trajetória de pesquisa desenvolvida por Vigotski. Conforme Veresov (2024), apesar da

grande quantidade de publicações sobre os conceitos e princípios teóricos de Vigotski, ainda predominam visões simplificadas e fragmentadas de sua obra. Ademais, existe, ainda, a tendência de destacar certos períodos de sua produção e subestimar outros.

Diante desse contexto, pretendemos realizar uma análise teórica de alguns textos do autor com o objetivo de traçar as bases do desenvolvimento do método instrumental, primeiro princípio metodológico desenvolvido para o estudo do desenvolvimento do comportamento cultural das crianças. Foi a partir desse método que o autor constatou o papel dos signos para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, o qual é a base da didática desenvolvimental, por exemplo. Tendo em vista a importância de tal método para o desenvolvimento das pesquisas do autor e para o desenvolvimento da Psicologia Histórico-Cultural, pretendemos nos centrar em suas bases metodológicas, fundamentais para os avanços nas pesquisas, mas também apresentar alguns de seus obstáculos para a pesquisa, percebidos por Vigotski alguns anos após a sua elaboração.

Vigotski foi um grande crítico dos psicólogos que desconsideravam o papel da cultura no desenvolvimento das funções psicológicas que, no jargão da ciência contemporânea, recebe o nome de processos cognitivos. Para compreendermos o teor dessas críticas, apresentaremos os antecedentes do método criado por ele para o estudo das funções psicológicas superiores. Na sequência, discutiremos sobre como tal método foi utilizado para a investigação empírica da gênese do comportamento cultural. Por fim, argumentaremos que foi o reconhecimento das limitações do método instrumental que orientaram Vigotski a modificar o seu programa de pesquisa, tarefa que foi apenas iniciado pelo autor nos seus últimos anos de vida.

I. Antecedentes do método instrumental

Foi a partir do método instrumental que Vigotski identificou o papel dos instrumentos culturais para a modificação das funções psicológicas durante a ontogênese. Esses instrumentos são utilizados pela criança a fim de controlar, num primeiro momento, o comportamento externo, do adulto, e, ao longo do tempo,

ocorre o autodomínio da sua conduta. Ao se apropriar dos instrumentos, os quais possuem modos de ação incorporados nele, o instrumento se converte em fonte do desenvolvimento do comportamento da criança (VYGOTSKI; LURIA, 2007). A linguagem foi entendida como o instrumento psicológico que permite ao ser humano conhecer tanto a realidade externa quanto interna. Em última instância, Vigotski (2000a) identificou que os instrumentos psicológicos são a principal via para a formação da personalidade e da concepção de mundo.

Porém, antes de Vigotski e seus colaboradores desenvolverem inúmeras pesquisas que levaram a essas conclusões, alguns dos princípios basilares da atividade mediada foram percebidos a partir de diferentes fontes. A primeira influência veio dos achados da reflexologia, os quais demonstravam que havia uma correspondência entre um estímulo e processo psicofisiológico. Partindo da premissa reflexológica de que certos reflexos fisiológicos desencadeiam outros, como o reflexo salivar do cão desencadeia o reflexo de deglutição, produzindo “reflexos em cadeia”, Vigotski (2004a) propôs que a consciência é a “capacidade de o nosso corpo ser um estímulo (por meio de seus atos) para si mesmo (para novos atos)” (p. 70). A segunda influência para criação do método instrumental veio das observações que Vigotski realizou em crianças com algum tipo de deficiência. Ele percebeu que a mediação do signo criava uma via alternativa (mediada) que possibilitava a criança estabelecer o contato social e, assim, se desenvolver. Por fim, ele se apropriou das pesquisas sobre o comportamento animal, realizadas por autores como Wolfgang Kohler, e das pesquisas antropológicas de autores como Lucien Lévy-Bruhl. Vigotski basicamente adaptou as pesquisas experimentais sobre o uso de instrumentos pelos chimpanzés para as pesquisas experimentais com crianças. As pesquisas antropológicas deram fundamento para Vigotski conjecturar que o uso dos instrumentos psicológicos pelas crianças estava ligado a criação de instrumentos de trabalho ao longo da história social. Apresentaremos, a seguir, como cada uma dessas linhas de pesquisa influenciou o desenvolvimento do método instrumental.

Em meados da década de 1920, Vigotski começou a apontar os limites do método reflexológico na análise da consciência (VIGOTSKI, 2004a; 2004b). Ele afirmou que a reflexologia seria obrigada a levar em conta os pensamentos e a totalidade da psique, se quisesse compreender o comportamento. Apesar de tal constatação, Vigotski tentou conciliar os métodos da reflexologia com os métodos da psicologia. Nesse momento, a consciência é concebida por Vigotski (2004b, p. 15) como um “[...] mecanismo de transmissão entre sistemas de reflexos”. Em outros termos, a psique é um movimento de “reflexos inibidos”. Além disso, também já é mencionado como a palavra pronunciada atua como um excitante e que essa seria base para a explicação do desenvolvimento social da consciência. Essa ideia pode ser considerada a pré-história do método instrumental. Vejamos como o autor a sintetiza:

No sentido amplo da palavra, é na fala que reside a fonte do comportamento e da consciência. A fala constitui, por um lado, um sistema de reflexos de contato social e, por outro, o sistema preferencial dos reflexos da consciência, isto, é, servem para refletir a influência de outros sistemas (VIGOTSKI, 2004b, p. 17).

Já no texto “A consciência como problema da psicologia do comportamento”, Vigotski (2004a) afirma que a experiência social constitui um importante componente do comportamento do homem. O comportamento dos animais, por outro lado, é o resultado da experiência hereditária somada à adquirida. Os animais adaptam-se passivamente, apesar de alguns terem formas instintivas que são ativas; já o homem adapta-se ativamente ao meio (VIGOTSKI, 2004a). Seguindo Marx, Vigotski explica que o trabalho permite ao homem uma adaptação ativa à realidade, o que ocorreria através da “experiência duplicada”, na medida em que o homem, para poder modificar a realidade, antes cria o modelo dessa ação na sua mente.

Do ponto de vista fisiológico, Vigotski assevera que o comportamento é um “sistema de reações triunfantes”, ou seja, seria a coordenação de vários reflexos. O comportamento que se realiza é uma expressão muito pequena das inúmeras excitações que acontecem no organismo. Em outras palavras, o comportamento

é o resultado de uma “luta de reflexos”. Nessa perspectiva, o autor caracteriza a consciência nos seguintes termos: “[...] a capacidade que tem nosso corpo de se constituir em excitante (através de seus atos) de si mesmo (e diante de outros novos atos) constitui a base da consciência.” (VIGOTSKI, 2004a, p. 70). Essa noção é extremamente importante para compreendermos o ato instrumental, em cuja gênese, estrutura e função dizem respeito à criação de signos pelo homem, para controlar seu próprio comportamento. Portanto, vemos que as pesquisas sobre o desenvolvimento cultural da criança são o resultado de reflexões derivadas do método reflexológico.

A modificação da concepção de consciência como “reflexos inibidos” para a consciência como “estrutura do comportamento” originou-se das limitações dos métodos de pesquisa da época, notadamente os métodos reflexológico e introspectivo. Com base nessas limitações, Vigotski sugeriu que os reflexos internos, que caracterizariam a consciência, podem ser descobertos de forma indireta. Isto é, o pesquisador deveria criar situações experimentais para observar indiretamente os mecanismos psicológicos. Como veremos, esse é um dos princípios metodológicos basilares do método instrumental.

Há nesse texto também uma formulação muito importante para a compreensão do método instrumental, qual seja, a que diz que “[...] a experiência determina a consciência.” (VIGOTSKI, 2004a, p. 80). Segundo o autor, a consciência é um caso particular da experiência social. O que existe é a socialização da consciência. Em suas palavras: “Disso se conclui que o reconhecimento, a prioridade temporal e efetiva pertence à vertente social e à consciência. A vertente individual se constrói como derivada e secundária sobre a base do social e segundo seu exato modelo” (VIGOTSKI, 2004a, p. 82). Também é possível constatar, nessa passagem, a gênese teórica da “[...] lei genética geral do desenvolvimento cultural” (VIGOTSKI, 2000a). Portanto, nesse período já é possível perceber o peso colocado por Vigotski na experiência social para a constituição da vida mental.

Além dessas discussões do ponto de vista teórico, é preciso ter clareza de que o que impulsionou Vigotski à concepção sobre a mediação dos signos foram suas pesquisas com crianças com deficiências físicas ou mentais, as quais, no período,

se enquadravam no chamado campo de estudos “defectológicos”. De acordo com Veresov (1999; 2024), essa questão é pouco enfatizada na literatura sobre a origem da produção teórica de Vigotski. Veresov destaca que, a partir dessas pesquisas, Vigotski começou a desenvolver sua Psicologia experimental, fato que foi fundamental para a criação de situações experimentais para o estudo da função instrumental. Portanto, é possível verificar que Vigotski estava, nesse período, meados de 1920, amparado no método materialista histórico e dialético, para o qual a prática é o critério de verdade.

Diferentemente da tradição da época, Vigotski entendia a deficiência não como produto simplesmente de uma alteração biológica, mas incluía os impactos sociais de tal alteração. Para ele, a deficiência acarreta perdas das funções sociais, mais do que somente físicas. A deficiência prejudica os vínculos sociais e conduz ao deslocamento de todos os sistemas de comportamento (VYGOTSKI, 1997a).

Em 1924, partindo do jargão da reflexologia, Vigotski afirmava que a deficiência significa apenas a ausência de um dos “vínculos condicionados” com o meio. Segundo ele, o princípio psicológico fundamental da formação de reações condicionadas é a mesma, tanto nas crianças com algum tipo de deficiência quanto para aquelas com o desenvolvimento típico. Como consequência, a natureza do processo educativo seria a mesma. Fundamentado em John Dewey, Vigotski (1997b) assevera que o estímulo físico por si só não explica o comportamento, mas que é a interpretação que se dá por meio da atividade social e o pensamento que lhe confere toda a riqueza de seu significado. Sobre essa questão, o autor fez uma afirmação que ecoou até o final de sua produção: “O que importa é o significado, não o signo. Muda-se o signo, o significado é igual.” (VYGOTSKI, 1997b, p. 84).

Ao discutir a educação da pessoa com deficiência auditiva, Vigotski (1997a) salienta que o foco da intervenção não implica somente dar condições para que a criança se comunique com outras pessoas, mas também que seja desenvolvida sua consciência. Portanto, aqui já estava se delineando uma concepção de consciência atrelada ao desenvolvimento da linguagem enquanto ferramenta comunicativa, que possibilita a apreensão da experiência social. Em suas palavras:

Em rigor, a linguagem não é somente um **instrumento** de comunicação, mas também um instrumento de pensamento; a consciência se desenvolve sobretudo com ajuda da linguagem e surge da experiência social. [...] Precisamente, a linguagem é a base e o portador dessa experiência social. Em outros termos, sem linguagem não há consciência nem autoconsciência. Podemos nos convencer com facilidade que a consciência surge da experiência social, precisamente no exemplo dos surdos-mudos (VYGOTSKI, 1997b, p. 88, grifo nosso).

A ideia central contida na produção defectológica da sua época, a qual, por consequência, se relaciona com o método instrumental, é aquela que diz que a saída para superação do defeito é através “supercompensação social” (VYGOTSKI, 1997a). Tal compensação seria feita utilizando-se novas mediações, artificiais, que criam uma via alternativa de contato com os signos culturais impossibilitados pela deficiência, a qual levaria ao desenvolvimento da consciência. A teoria da supercompensação compreende o homem para além de seu pertencimento à espécie animal, ou seja, em sua “posição horizontal”, como fez a reflexologia. Vigotski (2000b) propõe compreender o homem em sua “posição vertical”, superior, isto é, como produto das relações sociais. Nesse sentido, acreditamos que, com base nessa visão, o autor começa a lançar hipóteses sobre o papel do signo no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, isto é, seu caráter mediador, o qual se tornará uma das bases das suas pesquisas experimentais.

Os estudos realizados por Vigotski e colaboradores sobre o comportamento animal tiveram como objetivo compreender o que os “homens modernos” possuíam de único, em relação aos macacos antropóides e aos “homens primitivos”. A fonte principal de pesquisa foram os achados experimentais de Kohler e Buhler, ambos psicólogos pertencentes à escola da *Gestalt*. Conforme Vigotski e Luria (1996, p. 145), “Buhler e Koffka estavam absolutamente certos ao dizer que o surgimento da primeira palavra da criança, como signo para denotar um objeto, constitui um paralelo psicológico perfeito do uso de um bastão pelos chimpanzés, em seus experimentos”. Por intermédio das pesquisas de Kohler, os autores puderam constatar que a

capacidade que os macacos desenvolveram, ao usar um instrumento para atingir um objetivo, foi um primeiro passo na evolução dos processos mentais superiores. Portanto, a ideia de que a criação de instrumentos é a conquista primária do comportamento do homem foi derivada dos achados de Buhler. Vigotski compreendia que não era a criação de instrumentos que diferia os homens dos demais primatas, mas o fato desses instrumentos modificarem o seu comportamento. Vigotski e Luria elaboraram essa hipótese em razão dos achados da época. As pesquisas de Kohler sobre o uso de instrumentos demonstrou que os chimpanzés apenas utilizavam os instrumentos que estavam no seu campo de visão.

Além desses dados experimentais, foram fundamentais as pesquisas antropológicas realizadas por pesquisadores como Lévy-Bruhl. Desse autor foi emprestada a ideia de que as funções mentais superiores estão ligadas às diversas formas de sociedade. Em função dos seus achados, Vigotski e Luria (1996, p. 126) concluem: “É fácil ver que a linguagem e seu caráter determinam a natureza e a organização das operações mentais no [mesmo] grau em que as ferramentas determinam a organização e a estrutura de toda a tarefa manual do homem”.

Vigotski e Luria (1996) sugerem que, no homem “primitivo”, o instrumento de trabalho e o signo estão unidos. Essa relação tem expressão no pensamento mágico, no qual as leis da natureza coincidem com as leis do pensamento. Conforme Vigotski, esse tipo de pensamento teria aparecido em determinado estágio de desenvolvimento tecnológico, a partir do desenvolvimento de certas estruturas sociais. Esse tipo de pensamento surgiu para poder conhecer e controlar a natureza, porém, foram explicações fantasiosas. Essa forma de pensamento esteve atrelada, segundo Vigotski, ao nível de desenvolvimento das forças produtivas dessas primeiras civilizações. Desse modo, o desenvolvimento técnico foi pré-requisito para o aparecimento do pensamento mágico. Ademais, tal relação aparece também nas práticas primitivas de trabalho. Vigotski e Luria citam o caso de um povo que utilizava uma vara especial para cavar, na qual existia um dispositivo que, quando usada para trabalhar o solo, semeando arroz, por exemplo, produzia certo som que orientava o comportamento.

Esse som, assemelhando-se um pouco com um canto de trabalho ou a um comando, tinha a finalidade de organizar ritmicamente o trabalho. O som do dispositivo preso à vara servia de substituto para a voz humana. Neste caso, um instrumento utilizado como um meio de ter impacto sobre a natureza e um signo utilizado como meio para estimular o comportamento estão associados no mesmo dispositivo a partir do qual, mais tarde, se desenvolverão a pá primitiva e o tambor (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 149).

Após esse período de união, no qual o instrumento e o signo estavam unidos na alteração consecutiva da natureza e do comportamento humano, ocorreu a separação entre os dois caminhos.

Paralelamente a um nível superior de controle da natureza, a vida social do homem e sua atividade de trabalho começam a exigir requisitos ainda mais elevados para o controle sobre seu próprio comportamento. Desenvolve-se a linguagem, o cálculo, a escrita e outros recursos técnicos de cultura. Com a ajuda desses meios, o comportamento do homem ascende a um nível superior (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 149).

A comparação entre instrumentos de trabalho e instrumentos psicológicos também aparece na avaliação de Vigotski da crise da Psicologia. Em sua análise, a crise não estaria nos fatos, mas nos conceitos usados para pensar esses fatos, ou seja, no “método de cognição” (Vigotski, 2004c). Com base em Espinosa, ele compara o método de conhecimento com os meios de produção, quer dizer, a produção de conhecimento, de forma análoga à produção material, guardaria similaridades, na medida em que também necessita criar suas “ferramentas conceituais” para se aproximar cada vez mais da cognição dos fatos. A esse respeito, Yaroshevsky menciona que a “[...] comparação dos conceitos científicos com os instrumentos de trabalho que se desgastam com o uso foi seguido pela psicologia instrumental, no qual signos culturais e seus significados foram considerados como um tipo de ferramenta que o indivíduo constrói seu mundo psíquico.” (Yaroshevsky, 1989 *apud* VERESOV, 1999, p. 147).

Cabe destacar que o primeiro passo em direção ao estudo do ato instrumental, no desenvolvimento infantil, teve início com as pesquisas sobre

inteligência prática e verbal nas crianças (VYGOTSKI; LURIA, 2007). O objetivo era investigar quais processos psicológicos estão presentes unicamente nas crianças e verificar quais fatores qualificam seu comportamento como sendo superior ao de um macaco antropeide. Vigotski e Luria constataram, por meio dos experimentos, que, diferentemente das concepções correntes, a fala não apenas acompanha a atividade prática, todavia, desempenha um papel organizador do comportamento.

Como caminho para podermos estudar aquilo que não aparece diretamente, o autor salienta a necessidade de reconstrução do fenômeno, isto é, a elaboração do objeto recorrendo ao método de explicar ou interpretar seus vestígios e influências. Por conseguinte, o método instrumental também fez uso desse princípio analítico de pesquisa, porque o objetivo de Vigotski foi reconstruir historicamente o fenômeno que possibilita o desenvolvimento cultural e, para tanto, recorreu ao ato instrumental, naquele momento, entendido como menor elemento explicativo do comportamento cultural. O método do conhecimento que busca a origem do fenômeno foi denominado “método genético experimental”.

Após essa breve contextualização dos antecedentes do método instrumental, faremos, na sequência, a exposição das principais características desse método, do ponto de vista da metodologia e dos procedimentos de pesquisa. Demonstraremos quais eram seus princípios gerais, objetivos e explicações sobre como ocorre o desenvolvimento cultural da criança.

II. Método instrumental e a pesquisa do desenvolvimento cultural da criança

O método instrumental recebeu essa denominação porque se baseia na descoberta da “função instrumental” do comportamento mediado por signos e seu papel para o desenvolvimento cultural. No plano experimental, esse método de investigação assenta-se no “método funcional de dupla estimulação”, o qual, em essência, é a redução da organização do comportamento da criança com a ajuda de uma série de dois estímulos, cada um com distinta “importância funcional” no comportamento (VYGOTSKY, 1994). O núcleo desse método é a criação de

situações experimentais para que seja possível observar o processo mediado do comportamento, através de sua reconstrução.

Mencionamos anteriormente que, desde meados da década de 1920, Vigotski já havia se dado conta do papel do signo no processo de compensação da deficiência. Sabemos, por acesso às suas cartas, que em 1927 ele já havia estabelecido o “método instrumental”. Em carta endereçada a Luria, datada de 26 de julho de 1927, ele afirma: “O único comentário sério é que todos deveriam trabalhar nos seus campos de acordo com o método instrumental. Eu estou investindo todo o resto da minha vida e toda minha energia nisso.” (VYGOTSKY, 2007, p. 19). Tal passagem indica o peso que Vigotski colocava, naquele momento, no método instrumental.

A primeira publicação que apresenta o método instrumental foi o artigo “O problema do desenvolvimento cultural da criança” (VYGOTSKY, 1994), submetido à revista *The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology*, em 1928, e publicado em 1929. Esse artigo é um marco na produção de Vigotski. Ela apresenta, pela primeira vez, uma descrição do método instrumental de estudo do desenvolvimento cultural da criança, isto é, aquele que seria o meio pelo qual se daria a análise da gênese e da estrutura do comportamento cultural.

Após os estudos antropológicos, o caminho empreendido por Vigotski e seus colaboradores foi investigar como se estruturam os comportamentos culturais ao longo do desenvolvimento infantil (VYGOTSKI, 2000A; VYGOTSKI; LURIA, 2007). Foi essa premissa que guiou os estudos experimentais realizados por Vigotski e seus companheiros de laboratório, no último quartel da década de 1920. Iniciaram os estudos de funções psíquicas superiores em crianças e, em momento oportuno, expandiram para a pesquisa com adultos semianalfabetos de regiões remotas. Foram adotados diversos instrumentos simbólicos, a fim de observar como esse processo de mediação ocorre internamente.

Vigotski (2000a) criticou a Psicologia de sua época por não diferenciar os processos orgânicos dos culturais no desenvolvimento humano. Este era somente abordado em sua esfera natural. Exemplo disso são as pesquisas de Buhler, as quais tentavam investigar o que existia de similar ao comportamento dos

chimpanzés, nas ações das crianças (VYGOTSKI; LURIA, 2007). Para essa concepção, não existiria nenhuma alteração na ação da criança com o desenvolvimento da fala. Segundo Vigotski e Luria, esse fato demonstraria o perigo em se “animalizar” a Psicologia da criança.

Para Vigotski (1994), a diferença entre a linha “natural” e a “cultural” não estaria nas capacidades inatas, mas na aquisição de “instrumentos culturais”. Em suas palavras: “Temos muitas razões para assumir que o desenvolvimento cultural consiste no domínio de métodos de comportamento baseados no uso de signos como meio de realizar qualquer operação psicológica particular” (VYGOTSKY, 1994). Diferentemente da concepção de Buhler, para Vigotski haveria uma integração entre a linguagem e o pensamento prático (VYGOTSKI; LURIA, 2007).

Por isso, o objeto de estudo das “funções psicológicas superiores” abarca dois grupos de fenômenos que, apesar de parecerem heterogêneos, estão unidos. Estes são: 1) processos de domínio dos meios externos de desenvolvimento cultural: a linguagem, escrita, cálculo; 2) processos de desenvolvimento das funções psíquicas especiais, não limitadas nem determinadas com exatidão, que na Psicologia tradicional se denominam atenção, memória, lógica, formação de conceitos etc. (VYGOTSKI, 2000a).

Na avaliação de Vigotski, os métodos de pesquisa do início do século XX estavam baseados no esquema estímulo-resposta (E-R). Com isso, esse método se restringia ao estudo das funções psicológicas elementares, naturais. Seria somente com a superação desse método que se poderia investigar adequadamente o desenvolvimento cultural do comportamento. Vigotski (2000a) então propôs que o desenvolvimento psíquico do homem é parte do processo geral de desenvolvimento histórico da humanidade. Em razão disso, a atividade peculiar do homem é aquela que se orienta ao domínio do seu próprio comportamento: “[...] o próprio homem cria os estímulos que determinam suas reações e utiliza esses estímulos como meios para dominar os processos de sua própria conduta.” (VYGOTSKI, 2000a, p. 77). Portanto, o salto qualitativo do homem em relação aos animais está na criação de estímulos auxiliares para a determinação ativa do próprio comportamento com ajuda desses estímulos.

A resposta desencadeada no comportamento reflexo possui um vínculo direto entre estímulo e o sistema nervoso, isto é, a origem desse processo está no organismo. Já no comportamento cultural, a resposta para o comportamento não está no organismo, mas nas relações sociais entre as pessoas, as quais são criadas e transmitidas coletivamente (VYGOTSKI, 2000a).

Na avaliação de Vigotski (2000a), o problema das orientações empiristas em Psicologia repousava na negação da historicidade. Consequentemente, era exigido um método que envolvesse a perspectiva histórica do desenvolvimento dos fenômenos, para que fosse possível acessar as peculiaridades dos comportamentos superiores. Vigotski (2000a) assume três princípios para o estudo das funções psíquicas superiores: 1) o estudo do processo e não do objeto; 2) a análise baseada na explicação e não na descrição; 3) a análise dos processos psíquicos fossilizados (automáticos e mecânicos), por meio da observação do seu processo de nascimento. Esses princípios são, em essência, o que Vigotski chamou de “método genético-experimental”.

Vigotski (2000a) alude à análise do processo e não do objeto, porque procurava entender o fenômeno em todos os momentos de seu desenvolvimento. Deveriam ser criadas situações experimentais que produzissem artificialmente o processo, desde seu nascimento. O primado da explicação, e não a simples descrição, remete ao problema entre essência e aparência. Vigotski criticou as teorias psicológicas que apenas descrevem a aparência externa dos fenômenos psicológicos. Ao contrário dessa visão, sua proposta de análise dinâmica tinha como objetivo proporcionar o acesso à essência do fenômeno, isto é, o caminho de explicação do fenômeno desde sua origem, determinando seus nexos dinâmico-causais e sua relação com outros processos que se relacionam a seu desenvolvimento (VYGOTSKI, 2000a).

A metodologia de pesquisa, ou os instrumentos práticos criados para o estudo da atividade mediada, consistiram na criação de situações experimentais, nas quais a criança deveria empregar meios externos para ajudá-la a resolver determinada tarefa. O experimentador deveria introduzir meios que possibilitassem à criança “[...] sintonizar a conexão correspondente”

(VYGOTSKI, 2000a, p. 114). A tarefa era montada para que a criança não conseguisse resolvê-la de maneira direta, ou seja, por meio do nexo direto entre estímulo e resposta. O signo externo funcionava como um mediador entre o estímulo e resposta.

Portanto, Vigotski interpretava que há uma complexa unidade funcional e estrutural, a qual é afetada pela tarefa que precisa ser solucionada, através função instrumental, bem como pelos caminhos que essa função irá seguir. Ou seja, um mesmo problema, se resolvido por diferentes meios, terá uma estrutura diferente. O autor sugeriu que a inclusão de um signo remodela toda a estrutura da operação psicológica, assim como a inclusão da ferramenta remodela toda a estrutura da operação de trabalho (VYGOTSKI, 2000a). Apesar da analogia, Vigotski ressalta que a diferença entre a ferramenta e o signo está no fato de que o primeiro modifica a realidade, ao passo que o segundo, as funções psicológicas. O estímulo neutro adquire função de signo, quando se interpõe um obstáculo na resolução de alguma tarefa; a partir de então, a estrutura da operação adquire uma forma essencialmente distinta. As leis básicas que regem esse fenômeno não são abolidas com o domínio do próprio comportamento, mas são subordinadas a essa nova estrutura (VYGOTSKI, 2000a).

O método genético de estudo da atividade mediada está ligado diretamente a uma certa concepção sobre o desenvolvimento infantil. A concepção predominante da época via na criança um adulto em miniatura, ou seja, partia de uma visão de desenvolvimento enquanto crescimento, maturação. Vigotski (2000a) contraria essa concepção e reafirma a necessidade de compreender as transformações, do ponto de vista qualitativo. A essência do desenvolvimento seria a colisão entre as formas de comportamento “cultural” e aqueles herdados. O mais importante seria o primeiro, pois parte da relação do organismo com seu meio. Por outro lado, os comportamentos “primitivos” não desaparecem, contudo, são superados com a utilização dos instrumentos culturais. No entanto, Vigotski (2000a) salienta que superar não significa negar, mas que algo também se conserva no processo de desenvolvimento. Por isso, esta é uma diretriz que busca reproduzir dialeticamente o desenvolvimento do fenômeno.

Na história do desenvolvimento dos comportamentos mediados pelos signos, a criança começa a aplicar a si as formas de comportamento que antes os outros aplicavam a ela. Ocorre a transferência das formas sociais de comportamento para a criança. Inicialmente, o signo é um meio de influenciar os demais. Posteriormente, transforma-se em um meio de influência sobre si mesma. A passagem das funções do plano interpsíquico para o plano intrapsíquico recebeu o nome de “lei genética geral do desenvolvimento cultural da criança”. Vigotski (2000a) salienta que a criança chega a dominar seu comportamento, quando domina um sistema de estímulos que é sua chave.

Vigotski (2000a) dedicou boa parte do texto “História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores” a discutir como se dá o ato instrumental, em diferentes funções psíquicas superiores. Isto é, ele procurou demonstrar, a partir dos dados obtidos nos experimentos realizados por ele e por seus colaboradores, como um comportamento inicialmente se estrutura a partir de um instrumento psicológico, primeiramente de forma externa e, depois, de forma interna. Ele tratou do desenvolvimento da linguagem oral, pré-história da linguagem escrita, operações aritméticas, domínio da atenção, memória e do domínio da própria conduta.

É nas funções mnemônicas que podemos ver mais claramente a função instrumental, em todo seu aspecto funcional e estrutural, porque nela fica evidente a separação entre memória “natural” e “cultural”. Com a introdução de um signo externo para mediar o processo de memorização, a criança dirige o curso de suas conexões nervosas, substituindo uma conexão nervosa por suas novas conexões (VYGOTSKI, 2000a). Para o estudo da memória foram criados, por exemplo, duas situações experimentais. Em uma delas a criança deveria memorizar uma lista de palavras sem ajuda de um signo externo. Já em outra situação, era fornecido à criança cartões com imagens que funcionavam como um instrumento psicológico para auxiliar o processo de memorização.

Vigotski e seus colaboradores observaram que as crianças mais velhas não faziam uso dos signos externos. Eles concluíram que houve a passagem do emprego do signo externo como mediador dessa função para uma mediação interna, ou seja, sem a necessidade do signo externo. Ele conjecturou que ao

longo do desenvolvimento a criança aprende a dominar os processos de memorização e passa a dirigi-los e governá-los muito mais rapidamente. Nos experimentos realizados, Vigotski observou que existe a tendência, nos adolescentes e nos adultos, de não usarem um estímulo externo, porém, no lugar, utilizam meios internos para estabelecer ativamente a conexão entre a palavra memorizada e o seu conteúdo. Isso teria sido uma prova do curso do desenvolvimento interno do domínio do signo.

Vigotski (2000a) procurou generalizar os seus achados sobre o desenvolvimento das funções particulares ao criar uma visão integral sobre o processo de desenvolvimento de toda a personalidade, apesar de ainda não possuir uma explicação solidamente fundamentada nos fatos. Segundo o autor, nenhuma função se desenvolve por si mesma, com independência das demais. Ele afirmou que existe um signo de igualdade entre o desenvolvimento cultural e a personalidade. A personalidade seria um conceito social que abarca, sobretudo, o natural e o histórico no ser humano. Por conseguinte, não seria inata, mas surge como resultado do desenvolvimento cultural, e, por isso, é um fenômeno histórico. A personalidade seria “[...] um conceito reflexo que forma na criança ao aplicar a si mesma os procedimentos de adaptação que aplica aos demais” (VYGOTSKI, 2000a, p. 337). A personalidade seria o “social em nós”. Com isso, o autor salienta a necessidade de compreender a totalidade do desenvolvimento humano, por mais que as funções psíquicas sejam investigadas e apresentadas separadamente.

A essência do desenvolvimento cultural consiste, como vimos, em que o homem domina os processos de seu comportamento. Mas a premissa imprescindível para esse domínio é a formação da personalidade, de modo que o desenvolvimento de uma ou outra função depende, e está sempre condicionado pelo desenvolvimento global da personalidade (VYGOTSKI, 2000a, p. 329).

A linguagem, por exemplo, reconstrói o pensamento, a memória e outras funções. No desenvolvimento infantil, a linguagem aparece como um meio de influência sobre seu entorno. No início, tem função de comunicação com os demais,

depois disso, ela se converte em linguagem interna, que se baseia na comunicação consigo mesmo (VYGOTSKI, 2000a). A conclusão, portanto, é que a linguagem interior se converte em ferramenta do pensamento da criança.

Vigotski (2000a) ressalta que é a partir da formação da personalidade que a visão de mundo da criança é estruturada. A visão de mundo seria um sistema lógico, que forma uma concepção consciente sobre o mundo e sobre seus aspectos mais fundamentais. Em seus termos: “Para nós a concepção de mundo é tudo aquilo que caracteriza a conduta global do homem, a relação cultural da criança com o mundo exterior” (VYGOTSKI, 2000a, p. 328). A descoberta do seu “eu” ou a concepção de si começa a se dar por volta dos sete anos, quando a criança supera a lógica egocêntrica e começa a dominar seus próprios processos de pensamento. Entretanto, a concepção de mundo apenas seria formada na adolescência, pois antes haveria uma “atividade no mundo”.

III. Novos fatos e os obstáculos impostos pelo método instrumental

O método instrumental foi a primeira tentativa de Vigotski expressar o método de Marx nas pesquisas experimentais dos fenômenos psicológicos. Vigotski incorporou o princípio metodológico do materialismo dialético que compreende o método não como ponto de partida, mas resultado da pesquisa. Sendo assim, seria natural esperar que o desenvolvimento de novas pesquisas experimentais e o contato com o fenômeno concreto demonstrasse, dialeticamente, os obstáculos impostos pelos métodos e procedimentos empregados na fase instrumental. Entendemos que foi exatamente isso que ocorreu. Sobre os fatores que fizeram Vigotski mudar sua interpretação, o autor assim se expressou:

A necessidade de uma nova etapa na pesquisa não surgiu do fato de que uma nova ideia veio à tona, porque uma nova ideia tornou-se interessante, mas porque o próprio desenvolvimento da pesquisa exigiu. Os novos fatos nos impeliram à procura por explicações novas e mais complexas (ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018, p. 274).

Esta passagem expressa claramente a orientação materialista do autor, pois ele afirma que a explicação de um dado fenômeno não é o resultado de uma produção do pensamento, mas do confronto entre a consciência e o objeto a ser conhecido. No final da década de 1920, Vigotski e ao menos um de seus colaboradores, Leonid Sakharov, começaram a investigar o desenvolvimento do pensamento conceitual. Dado que o pensamento em conceitos começa na infância, mas conclui o seu desenvolvimento na adolescência, Vigotski foi impelido a tomar contato com a forma mais desenvolvida do seu objeto de estudo. Partimos da hipótese de que foi o contato com essa nova faceta do seu objeto, o pensamento do adolescente, que o fez reformular o seu programa de pesquisa.

Nesse sentido, o contato com as formas o pensamento conceitual dos adolescentes fez com que Vigotski percebesse a incapacidade do método instrumental de explicá-lo. Os resultados das pesquisas experimentais levaram Vigotski a fazer uma leitura estática do signo. Esse entendimento produziu uma interpretação do desenvolvimento cultural como uma relação direta entre o domínio do signo e a alteração do comportamento infantil. Em suas pesquisas posteriores, o signo deixou de ser visto como tendo uma natureza estática e passou a ser relacionado com o desenvolvimento do conceito, isto é, como resultado de um sistema conceitual dinâmico que se desenvolve durante toda a infância. Em uma anotação da segunda metade de 1932, Vigotski reconheceu que, apesar dos limites do método instrumental, ele foi necessário para o desenvolvimento das suas pesquisas:

Até agora, desconsideramos o sentido e o significado. Ou seja, (nos experimentos com memória), não fizemos distinção entre o nó e a palavra, ou seja, com a palavra, focamos no que ela tem em comum com o nó e não no que é específico a ela. Esta foi uma abstração legítima e necessária, da qual devemos nos orgulhar. Era importante mostrar a essência da função psicológica superior: as funções rudimentares se adequavam melhor a esse objetivo; era necessário mostrar o mecanismo psicológico do signo. Para fazer isso, a memória lógica, em certo sentido, teve que ser reduzida ao nó (ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018, p. 300).

O método genético-experimental produziu uma interpretação estática do signo. Ao focar o início do desenvolvimento do ato instrumental e toma-lo como parâmetro de estudo para as idades posteriores, Vigotski não percebeu as modificações operadas na relação entre signo e significado. Em uma anotação provavelmente realizada em 1932, Vigotski expressa que no desenvolvimento infantil “a coisa mais importante não ocorre no começo, mas no final, pois o final contém o começo” (ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018, p. 247). A mesma posição aparece na crítica feita a autores da época, tais como Stern, Buhler e Gesell, os quais também acreditavam que “todo o desenvolvimento infantil se produz nos primeiros anos de vida” (VYGOTSKI, 2006, p. 324). Vigotski percebeu que a criança não descobre imediatamente a relação entre signo e significado. Ao contrário, tal vínculo passa por diversas fases até o seu desenvolvimento pleno. Além disso, não termina durante o período pré-escolar, mas continua se desenvolvendo até a adolescência.

Ao investigar o pensamento do adolescente, Vigotski percebeu que o elemento que permite constatar as transformações operadas pelo pensamento é o significado da palavra. Ao constatar que a unidade entre o pensamento e a linguagem é o significado, ele concluiu que os seus esforços deveriam ser canalizados para o que ele chamou de “método semântico”. Em 1932 ele afirmou: “O signo tem significado. O estudo do signo em seu real papel psicológico requer necessariamente o estudo de significados. Este é o centro do método semântico” (ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018, p. 300). Tal método foi acompanhado pela superação do método de análise das partes componentes, típico da fase instrumental, em favor do método de análise das unidades. O método de análise das unidades foi a base para Marx tomar a mercadoria como unidade de análise do sistema capitalista. Existem elementos para acreditarmos que Vigotski estava consciente dele já em meados da década de 1920 (VIGOTSKI, 2004c). No entanto, foi somente no final da sua produção que os dados empíricos levaram o autor a elevar o significado a unidade da consciência. Uma passagem de 1933, que consta em seus manuscritos, indica diretamente sua filiação ao método de Marx: “O sistema [psicológico] é reproduzido em todo significado como o sistema capitalista

é reproduzido na operação com a mercadoria” (ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018, p. 354). Tragicamente, em outra anotação, possivelmente de 1932, o autor afirmou que o ponto de vista sistêmico foi apresentado tarde demais.

A preocupação de Vigotski em compreender a relação entre a base biológica e cultural do desenvolvimento da criança tinha como pressuposto um problema que ele denominou, no final de sua produção, de “transferência” [*perenós*] (ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018). Ele acreditava que transferência entre atividade prática e pensamento era um tema central para a psicologia. O estudo da atividade mediada por meio do método instrumental foi sua primeira tentativa de analisar esse processo. No entanto, o método utilizado induziu o autor a compreender a transferência como um processo direto entre os instrumentos culturais criados socialmente e o mundo interno da criança. Essa abordagem foi uma das principais limitações impostas pelo método instrumental. Em um manuscrito escrito em 1932, Vigotski reconheceu esse problema da seguinte forma: “Focamos nossa atenção no signo (na ferramenta) em detrimento do desenvolvimento da operação com o signo e o apresentamos como algo simples que passa por três etapas: mágica, externa e interna” (ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018, p. 275). Nos últimos anos de vida, o autor buscou superar tal simplicidade ao investigar o processo de desenvolvimento dos conceitos ao longo da infância (VIGOTSKI, 2001).

A noção de “funções psíquicas superiores” foi ampliada para um projeto mais unificado, no qual foi introduzida a concepção de “sistemas psicológicos”. As situações experimentais controladas, as quais foram centrais nas pesquisas sobre a atividade mediada, cederam lugar aos estudos de casos clínicos e experimentos pedagógicos, menos restritos ao laboratório. Vigotski reconheceu, nos seus estudos sobre o papel dos signos no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que tais funções não se constituíam de forma isolada, mas formavam uma totalidade. Apesar disso, ele não conseguiu explicar, no final da década de 1920, como o signo produzia tal integração. Foi somente a partir dos seus estudos do desenvolvimento dos conceitos na adolescência e da desintegração da consciência na esquizofrenia, que ele percebeu que era o caráter sistêmico dos conceitos que articulavam e produziam o sistema psicológico (VIGOTSKI, 2004d). Em suas palavras:

A ideia principal (extraordinariamente simples) consiste em que durante o processo de desenvolvimento do comportamento, especialmente no processo de seu desenvolvimento histórico, o que muda não são tanto as funções, tal como tínhamos considerado anteriormente (era esse nosso erro), nem sua estrutura, nem sua parte de desenvolvimento, mas que o que muda e se modifica são precisamente as relações, ou seja, o nexos das funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível anterior. É por isso que, quando se passa de um nível a outro, com frequência a diferença essencial não decorre da mudança intrafuncional, mas de mudanças interfuncionais, as mudanças nos nexos interfuncionais, da estrutura interfuncional (VIGOTSKI, 2004d, p. 105).

Em suma, foi o contato com o adolescente, a forma mais desenvolvida do objeto que ele buscava estudar, que Vigotski percebeu as limitações do método instrumental. O principal deles é que tal método abarcou apenas a gênese do processo e não considerou as modificações operadas ao longo do desenvolvimento infantil. Desse modo, apesar de estar consciência do método reverso de Marx, que dizia que a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco, em meados da década de 1920, foi somente a partir de dos estudos do desenvolvimento dos conceitos na adolescência que tal método foi efetivamente colocado em prática. O mesmo ocorreu com o método de análise. Vigotski reconheceu, em meados de 1920, que Marx utilizou o método de análise baseada na delimitação das unidades. A constatação feita em 1926 de que a Psicologia deveria encontrar sua “mercadoria”, isto é, a unidade explicativa do fenômeno psicológico, somente pode ser respondida no final da sua vida, ao constatar que o significado é a unidade entre pensamento e linguagem.

Concordamos com Veresov (2024), quando ele diz que não houve uma ruptura entre o período instrumental e a etapa final da produção vigotskiana, que focalizou a análise na reorganização sistêmica das relações interfuncionais na consciência humana, o qual se amparou no método de análise semântica. O que houve foi uma tomada de consciência dos obstáculos impostos pelo método instrumental e a elaboração de novos conceitos que fossem capazes de reproduzir a essência do fenômeno. O conceito de “neoformação”, por exemplo, não substitui o

conceito de “funções psicológicas superiores”, ao contrário, expandiu a compreensão sobre a relação entre funções psicológicas elementares e superiores. Sendo assim, o que houve foi uma mudança parcial no programa de pesquisa mais do que uma mudança na abordagem teórica. Veresov destaca que a compreensão sobre a continuidade e descontinuidade entre os dois momentos ainda carece de investigações aprofundadas.

IV. Considerações finais

Apesar dos avanços possibilitados pelo método instrumental, sobretudo pela capacidade de demonstrar o papel da transmissão cultural para o desenvolvimento psicológico, ele levou Vigotski a compreender o fenômeno de forma parcial. Ou seja, o princípio explicativo para o desenvolvimento da consciência não se alterou, mas a interpretação do fenômeno se mostrou mais complexa do que a explicação baseada no signo levava a crer. No entanto, conforme o próprio autor, a ciência também necessita de livros “[...] que ensinem a buscar a verdade, ainda que não a tenham encontrado” (Vigotski, 2004c, p. 267). Mesmo que o método instrumental não tenha revelado a verdade sobre o desenvolvimento cultural, ele orientou a busca de Vigotski, e esse foi o seu verdadeiro mérito.

El método instrumental en la obra de Vygotsky: entre avances y obstáculos en la investigación del desarrollo cultural de los niños

RESUMEN

Vygotsky fue un gran crítico de los psicólogos que ignoraban la importancia de la cultura para el desarrollo infantil. Fue a partir del método instrumental que identificó el papel de los instrumentos culturales para el desarrollo de funciones psicológicas superiores durante la ontogénesis. Presentaremos los antecedentes de este método y destacaremos que es el resultado de varias influencias. Discutiremos cómo se utilizó para la investigación empírica centrada en la génesis del comportamiento cultural de los niños. Finalmente, argumentaremos que fue el reconocimiento de las limitaciones del método instrumental lo que guió a Vygotsky a desarrollar un nuevo programa de investigación, iniciado por el autor recién en los últimos años de su vida.

Palabras clave: Vygotsky. Método Instrumental. Desarrollo Infantil.

Referências

MOLL, H.; TOMASELLO, M. Cooperation and human cognition: the Vygotskian intelligence hypothesis. *Phil. Trans. R. Soc. B.* 362, p. 639–648, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1098/rstb.2006.2000>.

PUENTES, R. A concepção de desenvolvimento no sistema psicológico-didático Elkonin-Davidov-Repkin. *Revista Educativa - Revista de Educação*, Goiânia, Brasil, v. 25, n. 1, p. 1-27, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18224/educ.v25i1.12438>.

TOMASELLO, M. *Becoming human: A theory of ontogeny*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019a.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da cognição humana*. Tradução de C. Berliner. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019b.

TOMASELLO, M.; KRUGER, A.; RATNER, H. Cultural learning. *Behavioral and brain sciences*, 16, p. 495-552, 1993.

VERESOV, N. *Undiscovered Vygotsky: Etudes on the pre-history of cultural-historical psychology*. New York: Peter Lang, 1999.

VERESOV, N. The history of development of the cultural-historical theory and its contemporary perceptions: answering questions and questioning answers. *Lomonosov Psychology Journal*, vol. 47, No. 4, p. 162-187, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11621/LPJ-24-47>.

VYGOTSKY, L. S. The problem of the cultural development of the child. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (ed.). *The Vygotsky Reader*. Oxford: Blackwell, 1994. p. 57-72. (Trabalho original publicado em 1929)

VYGOTSKI, L. S. El defecto y la compensación. In: VIGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas V: Fundamentos de defectología*. Tradução de J. G. Blank. Madrid: Visor, 1997a. (Trabalho original publicado em 1927).

VYGOTSKI, L. S. Acerca de la psicología y la pedagogía de la defectividad infantil. In: VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas V: Fundamentos de defectología*. Tradução de J. G. Blank. Madrid: Visor, 1997b. p. 73-97. (Trabalho original publicado 1924).

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas III: Problemas del desarrollo de la psique*. Tradução de L. Kuper. 2. ed. Madrid: Visor, 2000a. (Trabalho original publicado em 1960)

VIGOTSKI, L. S. Lev S. Vigotski: Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, v. 71, p. 21-44, 2000b.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do Pensamento e da linguagem*. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Trabalho original publicado em 1934).

VIGOTSKI, L. S. A consciência como problema da psicologia do comportamento. In: VIGOTSKI, L. S. (ed.). *Teoria e Método em Psicologia*. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. p. 55-87. (Trabalho original publicado em 1925).

VIGOTSKI, L. S. Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos. In: VIGOTSKI, L. S. (ed.). *Teoria e Método em Psicologia*. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004b. p. 3-33. (Trabalho original publicado em 1926).

VIGOTSKI, L. S. Significado histórico da crise da psicologia: Uma investigação metodológica. In: VIGOTSKI, L. S. (ed.). *Teoria e Método em Psicologia*. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004c. p. 203-421. (Trabalho original publicado em 1982).

VIGOTSKI, L. S. Sobre os sistemas psicológicos. In: VIGOTSKI, L. S. (ed.). *Teoria e Método em Psicologia*. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004d. p. 103-135. (Trabalho original publicado em 1982).

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas IV: Psicología infantil*. Tradução de L. Kuper. 2. ed. Madrid: Visor, 2006. p. 9-248. (Trabalho original publicado em 1928-1931).

VYGOTSKY, L. S. L. S. Vygotsky: Letters to students and colleagues. *Journal of Russian and East European Psychology*, v. 45, n. 2, p. 11-60, 2007.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Tradução de L. L. Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (Trabalho original publicado em 1930).

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. *El instrumento y el signo en el desarrollo del niño*. Tradução de: DEL RÍO, P. Madrid: Fundación Infancia y Aprendizaje, 2007. (Trabalho original publicado em 1984).

ZAVERSHNEVA, E.; VAN DER VEER, R. (ed.). *Vygotsky's Notebooks: A Selection*. Singapore: Springer, 2018.

Recebido em janeiro de 2025.
Aprovado em fevereiro de 2025